

**foucault libertário –
heterotopia, anarquismo e pirataria**

edson passetti¹ - PUC-SP

foucault, antena propícia

Foucault é para quem aprecia ranger, gosta de chiar. Ele afirmava que para ser coerente com Nietzsche era preciso fazê-lo ranger. Difícil não concordar com Foucault e tampouco não abordá-lo desta maneira. Pegue-o por onde quiser, mas frequente-o. Ele é vital para quem inventa espaços, habita contra-posicionamentos, utopias efetivamente realizadas, as heterotopias². Não teme a vida em expansão nos espaços em que se habita, e muito menos as resistências ali implicadas, que não requerem um local especial. Atravessam as estratificações sociais, provocam contra-poderes, desestabilizam Estado e prisões, escolas e famílias, sexo seguro e carnavalização do sexo. Resistências captadas desta maneira fazem de Foucault, simultaneamente, um anti-liberal e anti-socialista. No final do século XX – após maio de 68, antevendo o final do socialismo e compreendendo o neoliberalismo norte-americano na veia³ –, afirma, no escrito de 1984, *O que são as*

¹ Professor no Depto de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, coordenador do Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) da PUC-SP. Autor de *Éticas dos amigos: invenções libertárias da vida*, SP, Imaginário, 2003 e *Anarquismos e sociedade de controle*, SP, Cortez, 2003. Organizou *Kafka-Foucault*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2004, *Curso livre de abolicionismo penal*, Rio de Janeiro/São Paulo, Revan/Nu-Sol, 2004 e co-organizou com Salete Oliveira *A tolerância e o intempestivo*, São Paulo, Ateliê, 2005. Edita a revista autogestionária *verve*. Coordenou a realização dos vídeos *Foucault-ficô* (2000) e *Foucault, último* (2004). www.nu-sol.org

² “Outros espaços”, in Manoel B. da Motta (org) *Michel Foucault. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Coleção Ditos & Escritos III, Tradução de Inês A. D. Barbosa, Rio de Janeiro/São Paulo, Forense Editora, 2001, pp. 411-422.

³ Foucault compreendia o neoliberalismo norte-americano ultrapassando os domínios econômicos para situar-se na família, na delinquência, na política penal. Abre-se uma maneira distinta de lidar com o aparecimento do regime de *tolerância zero* numa sociedade de controle que convoca à participação democrática que se estende do âmbito conservador para o das esquerdas. O conservadorismo norte-americano não tem cara de republicano ou de democrata, mas de ambos, expressa posicionamentos, relações de vizinhança entre pontos. Cf. *Naissance de la biopolitique. Cours au Collège de France. 1978-1979*, Paris, Seuil, Gallimard, 2004, pp.

luzes? que não devemos seguir ninguém, acompanhando o “basta de obedecer a outrem!”, declarado por Kant, em 1783, no opúsculo *O que é o iluminismo?*. Hoje em dia, a recusa à obediência superior não se relaciona com a superação de teologias e adesão à democracia como regime político de Estado, da mesma maneira que entre 1795 e 1796, Kant relacionava república e monarquia planetária, em *A paz perpétua, um projeto filosófico*. Um quer o fim da obediência a outrem, à submissão e ao assujeitamento, para lidar consigo em suas lutas infundáveis, *cuidar de si*; o outro queria uma impessoal obediência uniforme para se chegar à paz mundial. Foucault range por si, louco, raposa, terceiro, último, um *único* Foucault, homem e pensador que não se deixou apanhar por representações, nem descansa em ninhos universitários. Ele é isto e aquilo, bem apanhado pela criteriosa e muitas vezes preciosas reflexões universitárias⁴. Foucault habita a região da fronteira afirmando a expansão das forças da natureza e das pessoas que abalam as certezas dos tratados e seus arbitrários limites modernos. Foucault estremece fronteiras que aninham e acariciam as movimentações dos Estados, sob a forma de nação, união, comunidade e as múltiplas maneiras de instituir um Estado superior sobre Estados nacionais, fato que vem de Maastrich, em 1992, desmembrando, mais uma vez, o Tratado de Westfalia, três séculos depois: Europa abalada, convulsionado Estados Unidos conservador, atordoada América Latina desejando freudianamente ser democrática. Poucas pessoas reparam que os Estados Unidos defendem direitos, financiam organizações internacionais para este fim, mas que desde a institucionalização de sua enaltecida democracia conviveu internamente com escravidão, preconceitos e discriminações explícitas, atualizadas, hoje em dia, sob o regime da

221-270; *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*, Tradução Andrea Daher, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997, pp. 87-97.

⁴ Sobre Foucault e o Kant de “O que são as Luzes?”, em especial, as sutilezas e vigores de Guilherme Castelo Branco. “Kant no último Foucault: liberdade e política” e Oswaldo Giacóia Júnior. “O conceito do Direito e a ontologia do presente”, in Tereza C. B. Calomeni (org) *Michel Foucault, entre o murmúrio e a palavra*, Campos, Editora Faculdade de Direito de Campos, 2004.

política de ação afirmativa; que além de praticar usos e abusos acentuados sobre o encarceramento dos corpos desde a aplicação das políticas de tolerância zero nos anos 1980, atua desde o 11 de setembro de 2001 regido pelo Patriotic Act, que autoriza ainda mais o Estado a invadir a vida de cada um de maneira sorrateira como fizeram, recentemente, as ditaduras militares no Brasil, na América Latina, África e Caribe, Ásia e Oriente Médio. Jimmy Carter, emblema da *política pelos direitos humanos* norteando a passagem pacífica para o exercício democrático, é produto *for export*, premiado com Nobel. Não é para uso interno. De maneira que ações afirmativas, pleora de direitos, disseminação de políticas de penas alternativas, multiculturalismo, culto à reforma das polícias, maiores e milimétricas punições, tolerância zero com georeferenciamentos e que tais, demarcam posicionamentos que vêm dessacralizando o espaço e dissolvendo oposições como espaço privado e público, o espaço da família e o social, o espaço cultural e o útil, o espaço de lazer e o de trabalho, como indicou Foucault em *Outros espaços*.

n o c i v o

Passe perto de um crente do anarquismo e ele lhe dirá que Foucault é nocivo. Entretanto, os anarquismos permanecem vivos quando suas práticas provocam abalos, rangem os ativistas que os domesticam numa doutrina. Foucault, por diversas vezes, apartou-se da *classificação* de anarquista, incluindo uma extravagante e acadêmica que o denominou um anarquista de esquerda⁵. Pretender vincular diretamente anarquismo e Foucault é se propor a andar em círculos tentando apanhar o próprio rabo, que devido a tantos giros termina ferido e fedido. Os escritos de anarquistas contemporâneos que se aproximam de Foucault mostram certa intimidade no campo da atitude demolidora na fronteira. O poder

⁵ Segundo Jules Vuillemin, em Clermont, nos anos 60. Didier Eribon. *Michel Foucault, uma biografia*, Tradução de Hildegard Feist, São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 138.

entendido como relações de força desloca e desassossega a herança liberal e socialista que entende o poder como decorrência dos efeitos de soberania e de seus desdobramentos jurídico-políticos. Relações de poder não são práticas apanhadas pelo pensar, domesticada e instrumentalizada segundo o *melhor dos lados* que governa o Estado. Poder em Foucault é uma prática que sedimenta autoridades em posicionamentos, em movimentos que percorrem a vida na casa, no trabalho, nas relações amorosas e sexuais, na pesquisa, e que provoca resistências, práticas correlatas e múltiplas que podem *nomadizar* existências, provocando contra-posicionamentos, heterotopias, heterotopias anarquistas que realçam suas histórias e que dispensam o bolor acumulado advindo do culto aos registros da história passada. Nas modernas relações de poder não há predomínio de locais. O lugar demarcado na Idade Média cedeu a posicionamentos e estes por sua vez tendem a se revirar passando de relações em redes (como na sociedade disciplinar) para fluxos (como na sociedade de controle). Os adversários e inimigos de Foucault protestam: há poder em tudo!⁶ Há poder em tudo reconhece um anarquista que pratica demolições cotidianamente, e desde Proudhon, também compreende o poder como relações de forças. Mas Foucault não deixa este humanista moderno num *lugar* confortável e abala suas propostas solidárias universalizantes que levariam à utópica sociedade igualitária e à crença em uma especial natureza humana. Além disso, as derradeiras pesquisas de Foucault, acompanhadas de seus ditos e escritos, chamam atenção para as subjetividades, os devastadores efeitos dos assujeitamentos, a atenção para com a estilística da existência, o rompimento com a genialidade dos artistas, os objetos de exaltação do brilhantismo individual: a vida pode

⁶ “Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência, e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter com tanto mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. “ in “Poder e Saber” (1977), Manoel B. da Motta (org) *Michel Foucault. Estratégia, poder-saber*, Tradução de Vera L. A. Ribeiro, Rio de Janeiro, Forense Universitária, Coleção Ditos e Escritos, v.. IV, p. 232.

ser uma obra de arte e o cuidado de si não se confunde com os apreços hedonistas com o corpo ou com o espírito. A vida como obra de arte também é uma preocupação anarquista. Voltados para associações livres, experimentavam relações amorosas, produtivas, educação de crianças alheia à escolarização, fazendo repercutir, mais do que os desdobramentos iluministas enquanto potencialidades da razão, o exercício da personalidade, o livre acesso a conhecimentos, partilhas científicas, respeito pela cooperação entre espécies antes de qualquer exaltação da competitividade, abolição do castigo como invenção da vida, problematização da prevenção geral, disseminação de imprensa própria, demolição de propriedades, Estado, religião e direitos: eram e são exercícios do fazer diário. Por cuidar de si, um anarquista se diferencia dos demais socialistas. Equivocadamente, certa vez Lênin afirmou que a diferença entre anarquistas e socialistas era de meios, pois a finalidade era a mesma. Uma mulher extraordinária chamada Emma Goldman respondeu incisiva afirmando que meios libertários levam a fins libertários e que meios autoritários determinam fins autoritários. A questão não era de diferença segundo os meios, práticas de continuidade do Estado que historicamente assemelham liberais e socialistas marxistas, mas de maneiras libertárias de criá-los e exercitá-los, fato que abala a existência de qualquer autoridade superior que exige obediência, abdicação da vontade. Direitos para todos, segundo os anarquistas, são apenas os deveres de muitos para com o Estado. Diante do governo da vida por direitos, ciência e Estado, os anarquistas faziam no século XIX, e até a primeira metade do século XX, experimentações mutualistas econômicas, realizavam federações, externavam seus desesperos diante dos massacres governamentais chegando a inventar o terrorismo moderno contra a vida do soberano que até hoje, século XXI, ainda tem o direito de causar a morte (e vale lembrar não só da continuidade da pena de morte em diversos estados norte-americanos ou chineses, como sua defesa aberta ou camuflada em qualquer lugar, inclusive no Brasil)... Anarquistas praticam, experimentam. Os que

preferem contar histórias e glorificar atos do passado acostumaram-se ao bolor. Foucault é nocivo a este anarquismo. Mas, demolidor, também, Foucault é saudável a qualquer um que revira-se como único.

heterotopias 1

Foucault encerrou o seu “Outros espaços” falando do desaparecimento dos piratas e da ocupação dos mares pela polícia⁷. Os piratas surpreendiam mares e oceanos, abalavam os itinerários dos comerciantes, inventavam percursos para cada navio e possíveis encontros em espaços estranhos e ao mesmo tempo paradisíacos como o Caribe. No imaginário europeu, o exotismo, a liberdade, o calor, o suor, os corpos semi-despidos e a transparência das águas, o sexo livre, ouro, prata, pérolas e jóias eram transformados em adornos circunstanciais sobre corpos marcados pelo sol. Os piratas eram espertos, mesmo quando faltavam-lhes partes do corpo. Eram estrategistas: abalavam fragatas e caravelas, e por vezes outros corsários. Inventavam percursos e desafiavam as forças de contenção do Estado. Eles apareciam e reapareciam sob circunstâncias históricas, mas não deixavam de habitar e contaminar imaginários juvenis, femininos, aventureiros. Considerados desaparecidos dos espaços marítimos, segundo as autoridades navais, devido a eficácia da regular vigilância policial, reapareceram recentemente, no século XX, no interior do trânsito livre e surpreendente gerador de outros espaços navegáveis propiciados pela história atual de constituição da sociedade de controle. Diante da disseminação da prática da economia em fluxos eletrônicos do final do século XX, imediatamente, reapareceram os piratas. Eles voltaram quando na Terra os espaços foram ampliados em universos. A polícia digitalizada, dispendo de domínio de imagens por satélites, rastreadores, agentes de segurança computacional e informacional,

⁷ “O navio é a heterotopia por excelência. Nas civilizações sem barcos os sonhos se esgotam, a espionagem ali substitui a aventura e a polícia, os corsários.” Michel Foucault, “Outros espaços”, p. 422.

rapidamente detectaram que os *hackers* eram os novos piratas. Contudo, simultaneamente, constatou-se que a maior parte dos *hackers* era formada de corsários e que se bandearam para a política da ordem. Este fluxo, quase imperceptível, sinaliza para os antecedentes de uma nova e veloz criminalização de práticas, nos moldes do passado, reiterando a existência do direito como lei universal fundada em ilegalidades benéficas a particulares. Este fluxo mostra, também, que a dinâmica da economia atual não se faz mais por descobertas de terras desconhecidas e espaços paradisíacos, propiciados pelas navegações por mares e oceanos, provocando alucinadas e alucinantes aventuras heterotópicas. O comércio mercantil transnacional, sem piratas e tráfico, é uma verdade de anjos, virgens, crianças tolas, competentes burocratas e policiais a serviço da grande causa. Lá no passado a aventura pirata transformava personagens boçais tragados pela literatura em instantâneos seres diabólicos, mulheres *sérias* e regeneradoras de bandidos em *mulheres de piratas* livres para o sexo. As crianças tolas, geralmente seqüestradas, rapidamente aprendiam a comer e dormir com os adultos, a lutar para viver, crescendo rapidamente e aproximando-se do sexo. Tráfico de especiarias, pedras preciosas, sedas, ouro, prata, frutas, bichos, índios, negros e muito do que deveria seguir para portos prósperos ou gabinetes de monarcas europeus, os piratas interceptavam contrapositionando-se. Comer de tudo, usar vestuários e adornos para inventar diferenças, içar uma bandeira com caveira para apartarem-se das luminosas bandeiras utilitaristas nacionais européias — nesta sociedade o pirata era um assunto de polícia e um personagem atraente a crianças, jovens, mulheres e adultos entediados com as excursões científicas, relatos de viajantes e o comércio. O pirata no mar é um parceiro do nômade do deserto que faz trafegar mercadorias, ilusões, sonhos e a heterotopia do oásis. Piratas e atravessadores do deserto, compunham espaços desconhecidos de mar e areias onde habitavam vidas que abalavam sedentarismos. Na atual sociedade de controle o pirata atua sobre uma outra superfície, agora sideral, deslocando-se para o

desconhecido não mais composto de novas terras, desdobramentos das excursões pela superfície ou dos surpreendentes momentos em que se experimentava a profundidade de mares e oceanos, reavivando lendas e mitos da antiguidade geco-romana. Os piratas, agora, atuam no fluxo que atravessa outros espaços, longe da Terra, dentro e fora da Terra. Afinal, a Terra é a profundidade do universo ou um relevo na superfície? Estamos fora das noções de superfície e profundidade, *noutros espaços*. Resistência pirata é contra-poder, contra-posicionamento, uma heterotopia. Ah!, os institucionalizados lembrarão que um pirata poderia ser apanhado, julgado e morto; ou capturado e morto; ou ainda transformado pela mocinha em comerciante honesto e marido religioso... Enfim, não há pirata como conceito ou idealização, mas práticas que inclusive podem levar à captura, integração e moralidade do pirata. Importa a invenção de outros espaços, diferentes da vigilância policial do Estado que guarda fronteiras. Piratas provocam diversidades, incômodos; Estado exige uniformidades, muitas vezes como sinônimo de pluralidade democrática. Os *hackers*, piratas de hoje, também não são indivíduos. São indivíduos⁸ que podem ir a diversas zonas onde anjos da guarda eletrônicos e programas de seguranças, tentam captar, policiar, prender, mandar calar ou subordiná-los, convocando-os para as fileiras dos agentes da ordem, inventando programas de segurança, gerando mais confiança nos protocolos informacionais, atuando como diplomatas da economia eletrônica. Piratas, modernos ou de hoje, são inventores de espaços, de percursos, de heterotopias que recusam a convocação à participação democrática. Os piratas provocam resistências, e tanto nas redes da sociedade disciplinar quanto nos fluxos da sociedade de controle, abalam, incomodam e anarquizam. Estranhos homens do deserto, ainda sobrevivem em oásis mas, também eles, podem ser capturados. Homens do oriente, com suas roupas extravagantes, religião fundamentalista, costumes misógenos, muitos dólares

⁸ Friedrich Nietzsche. *Humano, demasiado humano. Um livro para espíritos livres*. Tradução Paulo César de Souza., São Paulo, Companhia das Letras, 2000, [57].

e petróleo comandam economias e fazem o terrorismo contemporâneo capaz de abalar o ocidente, em nome de um novo posicionamento como Osama Bin Laden e seus projéteis aéreos sobre o céu de Manhattan e do Pentágono, nos trilhos de Madrid, embaixadas e escritórios da ONU. Terroristas anarquistas atacavam o soberano exigindo liberdade para ser soberano de si. Terroristas orientais, aos moldes do Estado, nada mais querem que outro posicionamento uniformizador: querem Estado. Contudo, resistir é também provocar contra-posicionamentos, inventar outros espaços, implodir posicionamentos e suas histórias temporais.

heterotopias 2

Há heterotopias que não me interessam, como as de desvios. A heterotopia anarquista interessa como problematização atual da existência na passagem da sociedade disciplinar para a sociedade de controle, por justapor espaços — como o jardim antigo —, romper com a temporalidade tradicional — com seus arquivos, com sua existência crônica no refazer de associações, e pela sua capacidade desta permanecer penetrável, sem isolar-se — deixando de ser heterotopia de ilusão, como o bordel, ou de compensação, como a Missão jesuíta. A heterotopia anarquista é um barco, reserva de imaginação⁹. Os anarquistas buscam sim a utopia da sociedade igualitária a cada instante de suas vidas. Para eles a utopia não é o consolo, a avenida lisa, o porto seguro, como Foucault constatava no prefácio de *As palavras e as coisas* para daí insinuar uma primeira aproximação das heterotopias como realização de utopias. Para os anarquistas há um lugar no futuro em que a Sociedade substituirá o Estado, a posse esmagará a propriedade, a razão livre, livre estará das religiões, o mutualismo econômico e o federalismo político superarão a universalidade dos direitos, e a educação livre de crianças numa vida amorosa e livre do casamento darão fim à história dos castigos e

⁹ Sobre os princípios indicados por Foucault a respeito de heterotopias, ver ob.cit..

medos. Os anarquistas são guerreiros. Superam os itinerários, trajetos conhecidos de espaços reconhecidos para lugares certos, inventando percursos. Diferenciam-se dos demais socialistas que requerem a tomada pacífica ou revolucionária do Estado, com democracia ou ditadura de classe, sob o regime determinado por uma consciência científica superior, capaz de organizar a massa. Para o anarquista a *consciência* se ergue na prática, nas mobilizações, na vida das associações. Experimenta-se a utopia. O espaço para tal, é a associação, e esta não depende de propriedade e de seu correlato, a fronteira. A associação é nômade. Todavia, se há heterotopias anarquistas que se fazem na associação, há também a problematização da utopia da Sociedade em lugar do Estado, uma prática que atravessa para demolir, anarquizar o anarquismo. Foucault fez ranger os anarquismos e se hoje é um nocivo saudável, no século XIX, Max Stirner o foi ao problematizar o *liberalismo social* de Proudhon, em *O único e a sua propriedade*, de 1845, imediatamente após os primeiros escritos do anarquista francês, no início da década de 1840, que empolgaram os hegelianos de esquerda, incluindo Marx e Bakunin.

stirner: conversação com a mocidade

Foucault, raramente, fala de Max Stirner, assim como Nietzsche, apesar de se notar, em ambos, ressonâncias do jovem filósofo alemão. Mas não é disso que pretendo me ocupar neste momento¹⁰. Interesse-me pela publicação recente (2001, em francês e 2004, em português) do curso *A hermenêutica do sujeito*, em que Foucault, na aula de 17 de fevereiro de 1982: *primeira hora*, ao referir-se à estética do eu, situa as conversações sobre governo de si no século XIX levadas por filósofos, escritores e anarquistas. De maneira breve, procurarei lidar com a heterotopia do soberano de si anarquista no espaço heterotópico. “Cuidar de si”, dizia Foucault, “é uma regra coextensiva à vida. (...) É o ser

¹⁰ Sobre relações entre Foucault, Nietzsche e Stirner: Edson Passetti. *Éticas dos amigos. Invenções libertárias da vida*. São Paulo, Imaginário/Capes, 2003.

inteiro do sujeito que, ao longo de toda sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal¹¹. O *sujeito*, no caso o anarquista, volta-se para uma conversão a si, um retorno a si, uma *navegação*, como afirma Foucault. Navegar implica arte, saber, técnica em pilotagem: pilotar a cura é o itinerário da medicina; dirigir os outros, os itinerários do governo político; mas governar a si mesmo é inventar percursos, espaços de experimentações, da expansão da vida no presente e de possibilidades, no futuro, de capturas pelo governo político. Entretanto, diante da captura permanece o alerta constante sobre a diversidade das práticas de resistências. No século XVI, Etienne de la Boétie, no conhecido *Discurso sobre a servidão voluntária*, atacava e apartava-se do soberano que causava a morte e deixava viver os súditos, interceptando o governo político, sempre tirânico, por meio da soberania de si, o *não* afirmativo, o exercício da liberação e da libertação por meio do gesto pessoal e intransferível. Anunciava a soberania do eu pelo exercício da recusa ao soberano, e como pensamento na fronteira, deslizava para a coexistência do eu com o si. Ainda que concluísse lembrando de Deus, distanciava-se do cristianismo que recomenda a salvação a quem afastar-se de si. La Boétie, não estranhamente, habita o imaginário anarquista do século XIX em diante, por anunciar e praticar o abalo à tirania do governante e do eu. O retorno a si como indicou Foucault é tema do século XVI e também do XIX, e inclui a livre escolha dos exercícios, não como regra de vida, mas arte de viver para fazer da própria vida uma obra. Em Max Stirner a reviravolta se instala mediante a constatação que é impossível pacificar os instintos. Muito menos apanhá-los por meio da razão em forma de conceitos que informem sobre o *indivíduo*, a *propriedade* e o *Estado*. Stirner duvida da superioridade da razão impessoal correlata à dominância teológica, e as equipara para interceptá-las pelo assombroso instante do instinto, o das intermináveis insurreições. A criança capturada

¹¹ Michel Foucault. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Marcio A. da Fonseca e Salma T. Muchail, São Paulo, Martins Fontes, 2004, p.301.

pela moral é como o guerreiro transformado em soldado. Não navega, é navegada: é pilotada, medicalizada, governada pelo seu pastor. Contudo, afirma Stirner, a criança é um guerreiro que luta pelo objeto, circunscreve suas ações a ele e provoca o fim temporário das animosidades com os parceiros depois de obtido ou não o objeto pretendido. A perda circunstancial nesta luta não situa o campo da amizade e da inimizade como guerra de extermínio ou subordinação do outro, governo sobre os demais, em nome de uma paz abstrata. Uma criança, enfim, só sabe o que é amor, desdobramento moral, depois de experimentar íntimas afetividades. A vida é luta. Seu destino não está determinado por uma paz perpétua liberal ou igualitária, e tampouco pela paz geradora de guerra alimentada pelos tratados de Estado. A vida é luta das forças de expansão diante da conservação. Stirner inicia seu livro problematizando o governo sobre as crianças para seguir demolidor até o questionamento da substituição do Estado pela Sociedade Igualitária dos anarquistas. Estremece pela primeira vez a utopia da universal sociedade igualitária por dentro do libertarismo. São as insurreições que instauram a reviravolta do *único*, dimensão que abala o *indivíduo*, a individualidade institucional democrática, o Eu, a universalidade igualitária coletiva ou individual. Com Stirner não se regressa à criança como origem, mas como mais tarde em Nietzsche em sua busca por uma filosofia criança ou mulher, está em prática ranger a filosofia. Cuidar de si e conhecer-se em Stirner é corrosão da moral, da supremacia da ciência, da capacidade superior de governar a todos, muitos, alguns, um, outros. São exercícios de pilotagem. Exercícios que levaram a práticas educativas em Bakunin, que estabelece o iluminismo radical da escola pelos exercícios de autoridade do professor sendo retroagida pelos movimentos de liberdade de pensar e atuar das crianças; exercícios de pais que dissolvem o pátrio poder e o regime dos castigos, como em William Godwin, no século XVIII; como as de Stirner por meio de exercícios pessoais que levam à recusa do saber para reerguê-lo como vontade recriada a cada dia, em que não se almeja mais sociedade

alguma, mas a proliferação de miríades de associações, heterotopias. Não se trata de uma nova convicção a ser interposta, pois segundo Nietzsche, esta é “a crença de estar, em algum ponto do conhecimento, de posse da verdade absoluta”¹². A criança é o retorno do adulto que rangeu, tornou-se pirata de si, navega como piloto de si, desdobrado, artístico. É a eclosão da surpresa oceânica como tormenta ou calmaria, aprendizado de exercícios em espaços heterotópicos, onde se dissolvem os absolutos de autoridade e liberdade junto com o governo político. Foucault indica que “é possível suspeitar que haja uma certa impossibilidade de constituir hoje uma ética do eu, quando talvez seja esta uma tarefa urgente, fundamental, politicamente indispensável, se for verdade que, afinal, não há outro ponto, primeiro e último, de resistência ao poder político senão na relação de si para consigo”¹³. Foucault desafia os anarquistas a saírem do bolor, da mesma maneira que estes foram abalados por Stirner e cujas ressonâncias aguardam *outros* inventivos percursos de liberdade. De fato se queremos, como sublinha Foucault, articular questão política e questão ética, devemos considerar as relações de poder/governamentalidade/ governo dos outros e de si/ relações de si para consigo compondo *uma cadeia*¹⁴. Mas, diante da história atual dos espaços dessacralizados talvez não seja mais uma *cadeia* ou *rede* que articulem a questão política e a questão ética, mas na sociedade de controle, sejam os fluxos compondo outras navegações. O indomesticável Foucault permanece vivo nas incômodas práticas de resistências. Habita conversas de piratas noite adentro, depois do sol do meio-dia, conversas de mocidade.

¹² Idem, [630].

¹³ Michel Foucault, ob. cit, p. 306.

¹⁴ Idem, p. 307.